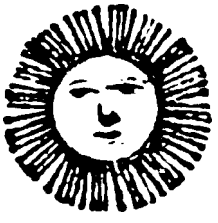
Notas não biográficas sobre a biografia de Fernando Pessoa, estranho estrangeiro de Robert Bréchon

E. M. de Melo e Castro*



* Universidade de São Paulo.

A biografia é um gênero literário viciado desde a concepção até à prática, já que ambas estão impregnadas da idéia de que grandes ou interessantes feitos e assinaláveis acontecimentos justificam a vida de alguns homens ou de algumas mulheres, seres esses que são, por isso mesmo, qualificados de "interessantes" ou de "grandes".

Então o que fazer literariamente com as vidas daqueles que não perfazem esses requisitos ou cujo interesse é de outra mais complexa ordem?

Porquê escrever biografias de pessoas discretas que procuraram nessa mesma discrição existencial as condições para viverem intensamente as suas próprias vidas, nos limites até do que seria considerado no seu tempo como socialmente aceitável, ou então construindo uma máscara discreta e convencional para, sob ela, criarem numa outra dimensão, a excepcionalidade de uma obra, essa sim, verdadeiramente grande, embora não visível e apreciável no seu tempo?

Que fazer com essa estrutural não causalidade entre vida e obra, quando a vida não justifica a obra, nem a obra justifica a vida, porque o que a obra nos dá excede em muito as circunstâncias e as coordenadas dessa vida?

Porquê?

E no entanto a tentação é grande! A ela sucumbiram, primeiro João Gaspar Simões, depois Ángel Crespo e agora Robert Bréchon com um volume de 598 páginas destinado primeiramente aos leitores franceses amantes de biografias. Entretanto Octávio Paz resolveu sumariamente a questão dizendo, a propósito do mesmo Fernando Pessoa, que há poetas para os quais a biografia é a sua obra,

pois efetivamente para nós só a sua obra existe! As condições em que a obra foi escrita são de uma outra ordem, não só não justificando as características dessa obra como até, muitas vezes, as contrariando.

Mas, não será esse o caso dos poetas verdadeiramente inovadores, desde os românticos até aos do final desse nosso século XX, cujas obras foram predominantemente construídas contra as circunstâncias vivenciais e sociais dos seus autores?

Ou será esse "contra" também uma razão a dar razão à escrita das biografias desses poetas e a justificar o interesse dos leitores ?

xxx

Ler uma biografia não é obviamente ler uma vida, nem muito menos viver ou reviver a vida do biografado. Ler uma biografia é unicamente ler um livro cuja escrita foi feita a partir da releitura, de variável teor crítico e interpretativo, das circunstancias da vida do ser humano cuja obra é considerada digna de isso. Ou cuja obra o autor da biografia ama. Este é o caso, nitidamente claro, de Robert Bréchon.

Por outro lado, ler um livro, neste caso ler uma biografia, pressupõe também da parte do leitor uma disposição para ser confrontado com o que verdadeiramente se não sabe como foi, nem porque foi: pelo que parece que é, ou talvez pelo que o autor assume que poderia ter sido. É portanto com um sub-gênero ficcional, com um híbrido entre o factual e o ficcional que o leitor é confrontado e que eventualmente ama ou detesta. É que, perante uma biografia, o fator emocional é relevante, quer na sua escrita quer nas suas leituras.

Assim posta a questão, a veracidade dos fatos é substituída por uma delicada rede de verossimilhanças, a improbabilidade das justificativas torna-se irrelevante, a relação causa e efeito é substituída por uma espécie de coerência afetiva entre as deambulações vivenciais do nosso poeta e a 'realidade outra' à qual as suas obras nos abrem as portas da fruição.

Julgo que é precisamente esta qualidade emocional da leitura que, em primeiro lugar, o livro de Robert Bréchon nos proporciona.

Por outro lado, alguns dos melhores capítulos desta 'biografia' são, muito mais, ótimos ensaios de exegese e crítica, parecendo ir ao encontro da citada observação de Octávio Paz, ante o contraste da magnificência da criação poética de Fernando Pessoa e a pobreza factual da vida do homem Fernando Pessoa. É que sob a máscara bem pessoana de uma 'biografia', Robert Bréchon escreveu um longo ensaio crítico que tenta abranger a obra total do poeta, enquanto o personagem Fernando Pessoa continua enigmático e desconhecido, como lhe convém e sempre foi.

A referida qualidade ensaística e crítica sobressai particularmente quando Robert Bréchon trata, por exemplo, dos poemas de juventude atribuídos a Alexander Search, dos Poemas Ingleses, dos Sonetos, do Mad Fiddler e do *Ultimatum* de Álvaro de Campos. Capítulos esses, entre outros, que atingem uma qualidade de leitura crítica rara nos estudos pessoanos, o que nos leva a pensar que o autor é muito mais um excelente crítico literário do que um biógrafo. Ou então que a crítica é uma maneira de tentar preencher os hiatos da matéria biografável que a vida de Fernando Pessoa apresenta.

Também, a propósito da vida de Fernando Pessoa, o Autor vai traçando ao longo de vários capítulos um resumo da história política de Portugal nas primeiras décadas do século XX que, nas suas linhas gerais, está correto, servindo simultaneamente a três propósitos, tais como: situar Fernando Pessoa no ambiente do seu país (após ter vivido a infância e a adolescência na África do Sul); fornecer informações aos leitores franceses sobre essa mesma história de Portugal, informações que são consideradas pelo autor como relevantes para o conhecimento do grande poeta português; suprir, mais uma vez, a falta de fatos e acontecimentos biograficamente interessantes.

Por seu lado, a falta de biografemas explícitos disseminados na obra poética, onde são efetivamente raros ou intencionalmente ocultados ou envoltos em formulações elípticas e mistificadoras, como no caso das últimas cartas de amor dirigidas a Ofélia (a única mulher de que se conhece a existência na vida de Fernando Pessoa), se pode encorajar as leituras interpretativas, do tipo pseudo-psicanalítico, como as realizadas por João Gaspar Simões na já referida biografia, podem também dirigir a estratégia biográfica para uma atitude elíptica e até metafórica de tentar, pelo entendimento crítico das circunstâncias exteriores, quer políticas, quer culturais e sociais, em que a obra do poeta foi produzida, fazer com que o leitor se solidarize com as atitudes então tomadas pelo poeta, e melhor compreenda o homem que viveu e escreveu em tais circunstâncias. Penso que foi esta a estratégia, em grande parte bem sucedida, de Robert Bréchon.

Também, na consideração crítica das várias fases, projetos, teorias, filosofias e heterónimos, de que se compõe a complexa e extensa obra poética de Fernando Pessoa, Robert Bréchon toma sistematicamente como referência obras e autores franceses, já que a sua biografia se destina a leitores franceses. Este fato que pode causar alguma estranheza aos leitores portugueses, produz no entanto, um notável efeito de ressonância cultural amplificativa do escopo e da própria amplidão referencial da obra poética de Fernando Pessoa, colocando-a muitas vezes não só a par, mas para além dos autores e das obras francesas convocadas, quer sublinhando na obra de Pessoa soluções mais originais e poeticamente eficazes, quer permitindo sair das muitas vezes óbvias referências aos seus conhecidos mestres ingleses e americanos.

Assim realiza Bréchon, em algumas páginas, uma verdadeira leitura metacrítica da vasta crítica, quer portuguesa quer internacional, que à obra do nosso poeta desde há alguns anos, vem sendo dedicada.

No entanto, no que diz respeito à poesia portuguesa em geral e em particular aos poetas companheiros de Fernando Pessoa na revista Orpheu de 1915, o tratamento é escasso e por vezes até incorreto. Estão nesse caso principalmente algumas infelizes referências à poesia da Almada Negreiros, de Ângelo de Lima e até de Mário de Sá- Carneiro.

Quanto a Almada, ele é reduzido em *Cena do ódio*, a um mero imitador de Álvaro de Campos, o que de fato não é mais hoje criticamente admissível, para o que basta considerar que esse extraordinário e raro poema escatológico tem a forma de um longo e explícito monólogo dramático (o eu enunciante de *Cena do Ódio* não é obviamente o próprio Almada). Ora, esse gênero nunca foi praticado por Álvaro de Campos, nem mesmo na *Ode Marítima*. A entonação altissonamte, essa é obviamente a do poeta futurista que Almada explicitamente proclama ser.

Quanto a Ângelo de Lima, ele é repetidamente desqualificado como louco, certamente com base no fato real de que esteve longos anos internado num hospital psiquiátrico de Lisboa, onde morreu. Mas Robert Bréchon deve certamente recordar-se do caso de Antonin Artaud e principalmente que a loucura, colocando-se transgressivamente em relação à norma e às normas, sejam elas quais forem, é afim da essência da própria criatividade poética. Por isso a loucura nunca pode ser invocada para desqualificar um poeta, o que não quer dizer que todos os loucos sejam poetas, nem que todos os poetas sejam loucos.

O que acontece é que a poesia de Ângelo de Lima, oriunda de uma imagística pós-simbolista intensamente assimilada, envereda decididamente pela invenção vocabular, com formações lexicais transgressivas de grande musicalidade, recorrendo também à intensificação expressiva do uso dos sinais de pontuação e das letras maiúsculas. Deste modo ele cria, pela primeira vez em Portugal, uma poesia realmente experimental.

No que diz respeito a Sá-Carneiro e ao seu poema *Manucure* publicado no segundo número de Orpheu, diz Robert Bréchon que os trechos visuais e gráficos nele incluídos foram certamente inspirados nos *Calligrammes* de Apollinaire. Permito-me não concordar, por duas razões, uma propriamente poética e outra cronológica. Quanto à primeira : esses chamados grafismos de Sá-Carneiro estão visivelmente muito mais próximos estilisticamente de *Palavras em Liberdade* de Marinetti do que dos *Calligrammes* de Apollinaire. Nestes predomina uma tendência para um isomorfismo representativo de tipo realista e icônico, ausente nos grafismos de Sá-Carneiro. Mesmo o famoso “É no ar que ondeia tudo! É lá que tudo existe!...” não representa realisticamente uma onda no ar, nem é

semioticamente de natureza icônica mas sim indicial, porque a onda que o poema é, não existe visivelmente no ar, mas é, isso sim, criada graficamente com letras na página por um ato da imagimação e da escrita. Creio mesmo que se trata de um verdadeiro poema concreto, realizado muito antes de tal conceito existir.

Quanto à razão cronológica: *Manucure* foi publicado em 1915, portanto antes de *Calligrammes* ser publicado em 1918. Sá-Carneiro suicidou-se em 1916. Além disso, é o próprio Bréchon que na página 264 da sua biografia observa referindo-se a Sá-Carneiro: "admira Apollinaire, Max Jocob, Picasso, embora, ao que parece, não os tenha frequentado, sendo como era demasiado tímido e pouco sociável para tal". Não é portanto nada provável que Sá-Carneiro tenha tido conhecimento dos *Calligrammes* antes da sua publicação.

Também, sobre o mesmo poema *Manucure,* Robert Bréchon repete o erro de Gaspar Simões na edição da Ática, Lisboa, da poesia de Sá-Carneiro, ao referir-se a dois poemas: *Manucure* e *Apoteose,* quando na verdade se trata de um só poema, como está corretamente no número 2 de Orpheu e na edição dos *Poemas Completos*, da Assírio & Alvim, Lisboa.

Outro lapso de informação ocorre na datação do primeiro grande retrato a óleo de Fernando Pessoa pintado por Almada Negreiros, para a Pastelaria Irmãos Unidos em Lisboa, de Alfredo Guisado (também poeta de Orpheu) e que efetivamente é de 1954 e não de 1934, como informa Bréchon, erro que o leva a afirmar, também erroneamente, que esse quadro foi feito em vida de Pessoa.

Tendo em vista a desatenção crítica que estes fatos testemunham, e que está em nítido contraste com a já referida pertinência, rigor e acuidade interpretativa no que diz respeito à obra de Pessoa, somos levados a pensar que Robert Bréchon de algum modo não valoriza devidamente os outros poetas portugueses, mesmo os companheiros de Pessoa, talvez no intuito desnecessário de sobrevalorizar o seu ídolo Fernando Pessoa. Afinal não é o próprio Bréchon que logo no início do seu livro, declara "tenho que confessar que sinto devoção por Pessoa"? Mas tal fato perturba o equilíbrio da sua obra e diminui o seu intento critico-biográfico aos olhos de leitores atentos e conhecedores. O que é uma pena, pois este livro de Robert Bréchon esteve quase a ser um grande e notável livro.

Penso que já é tempo de se considerar internacionalmente que a grandeza da poesia de Fernando Pessoa só foi possível e só faz sentido dentro do contexto de toda a poesia portuguesa, desde os cancioneiros medievais, passando por Camões e pela poesia barroca, por Antero, por Cesário e por Camilo Pessanha, até aos poetas seus companheiros de Orpheu e mesmo posteriores. O próprio Fernando Pessoa bem o sabia, senão não se teria preocupado com a previsão da chegada de um "supra – Camões" nem com a escrita de *Mensagem.* É que o século XX, não só

devido a Fernando Pessoa mas também a todos os seus poetas, loucos ou não, julgo que ficará na história como novo 'século de ouro' da poesia portuguesa.

Robert Bréchon fez bem em prevenir os leitores, na Advertência que, além da sua leitura apaixonada da obra e da vida do homem Fernando Pessoa, existem "outros olhares possíveis". Como leitor também apaixonado pela obra de Pessoa, termino esta resenha, solidarizando-me com Robert Bréchon não só na sua/nossa paixão, mas também pelo prazer que a leitura do seu livro me proporcionou e pelas fecundas sugestões e pistas de análise crítica que abre a todos os leitores de Pessoa.

No entanto, pelo que fica escrito, logo se vê que não partilho com Robert Bréchon da idéia por ele expressa no *Prelúdio* do seu livro, de que no caso de Pessoa "a vida explica a obra como a obra explica a vida." Acho até que em Pessoa nada explica nada e que só a radiância da sua obra nos ilumina e ofusca conforme desejarmos ser iluminados ou ofuscados. Pode ser até que iluminar e ofuscar sejam, neste caso, a mesma coisa. Mas não é essa a função e o modo de agir sobre nós, característicos da grande poesia?

xxx

A tradução da edição portuguesa, de Maria Abreu e Pedro Támen, assim como a adaptação para o português do Brasil de Carlos Nougué, são elegantes e rigorosas, lendo-se como se o livro tivesse sido originalmente escrito em português. As notas são oportunas e não excessivas, mas não posso deixar de observar que a nota dos tradutores, na página 530 da edição da Record, que tenho vindo a usar, é desnecessária e incorrecta. De fato a referência de Álvaro de Campos à 'macieira' que eles corrigem por 'bagaceira' é perfeitamente certa, porque 'macieira' é uma marca de aguardente muito popular em Portugal e que ainda hoje existe.

Referências Bibliográficas

Robert Bréchon, *Fernando Pessoa estranho estrangeiro - uma biografia.* Rio de Janeiro - São Paulo: Editora Record, 1998, 598 p.